

A HORA DO SÉTIMO ANJO

(fragmento)

Erico Verissimo

Erico Verissimo esboçava desde os anos 60 aquele que seria o último romance do chamado Ciclo de Porto Alegre, do qual aproveitou algumas boas porções em *Incidente em Antares*, publicado em 1971. Imerso na redação de suas memórias, mesmo assim a idéia de acabar *Dança com máscaras*, depois *A hora do sétimo anjo*, continuava a persegui-lo e diversas vezes ele retomou as notas e esboços, ensaiando soluções para os problemas compositivos que a obra ainda lhe propunha. Sua morte, em 1975, o impediu de realizar seu projeto. Do romance, restaram apenas quatro laudas datilografadas em versão definitiva e uma profusão de versões fragmentárias, esboços desenvolvidos ou esquemáticos, roteiros e notas de pesquisa. O fragmento aqui publicado pela primeira vez apresenta as quatro laudas originais e, em seguida, reconstitui, a partir de uma série de esboços manuscritos em inglês, com raros termos intercalados em português, o episódio praticamente completo que justifica o título do romance. A edição crítica foi realizada por Maria da Glória Bordini, com base nos originais e esboços pertencentes ao Acervo Literário de Erico Verissimo, cuja curadoria está a cargo do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, através de um projeto de pesquisa financiado pelo CNPq, e aprovada pelo filho do escritor, Luis Fernando Verissimo.

Eram cerca de quatro horas da tarde quando o Dr. Caio Mafra-Pomar entrou na pequena sala de trabalho de Frei Pio, no convento de Santo Antônio. O irmão leigo que o conduziu até ali retirara-se em silêncio, fechando a porta sem ruído. O monge estava de pé junto à janela, imóvel e meio irreal, como se fosse a sua própria estátua num museu de cera. Era um homem alto, encurvado e de aspecto frágil, a pele duma lividez cadavérica. Vestia o hábito pardo da sua ordem e estava de cabeça baixa, os olhos cerrados, os braços cruzados contra o peito.

Caio contemplava a visão, perturbado. Aquele pobre capuchinho devia estar seriamente enfermo. Arrependeu-se de ter vindo. Pensou até em ir-se embora na ponta dos pés. Deixaria um cartão com explicações. . . Mas naquele momento Frei Pio abriu os olhos, voltou a cabeça e exclamou, Ah! E os dois homens caminharam um para o outro, apertaram-se as mãos. Nunca se tinham visto antes.

— Padre, perdoe-me por ter vindo perturbar a sua paz.

— Mas não, meu caro doutor! Eu esperava a sua visita com grande alegria. Por favor, sente-se. Vou ficar de pé por enquanto. Passei boa parte da tarde deitado, estou com o corpo um tanto entorpecido.

Caio sentou-se. A luz batia em cheio na face de Frei Pio. Em que museu do mundo e do tempo vira ele um frade como aquele? Bosch? Breughel? El Greco? O capuchinho tinha uma face descarnada e triangular, de malaras salientes. Seus cabelos, como a barba pontuda e rala, eram dum louro meio esverdeado e estriado de fios brancos e fulvos. No fundo de órbitas ossudas, seus olhos pareciam duas esferas de mercúrio e tinham uma fria neutralidade metálica.

— O senhor deve ter estranhado o meu telefonema. . . — sorriu Caio. — Hesitei muito antes de lhe pedir esta entrevista.

— Ora, por quê?

– Quero desde o primeiro momento ser absolutamente sincero com o senhor. Sou um homem orgulhoso. Não me foi fácil vir aqui com. . . com o propósito que me traz. Não *está sendo* fácil.

Tirou do bolso o lenço para enxugar o suor do rosto. O padre olhava vago para a janela. Caio prosseguiu:

– Nem sei por onde começar. . .

– Então não comece. Vamos conversar sobre outros assuntos, como num encontro casual. Quando menos esperarmos, deslizaremos para o âmago do seu problema. Faz um pouco de calor, hein? É o vosso famoso veranico de maio. Fique à vontade, doutor. Não quer tirar o casaco?

– Não, padre, muito obrigado. Tenho um amigo de mocidade que costuma dizer que sou o homem mais formal do mundo. A verdade é que eu não me sentiria muito bem em mangas de camisa. Não é mesmo uma tolice? Outra confissão, Frei Pio: *sou um homem extremamente vaidoso*. Veja, esta é a primeira vez que reconheço isso em voz alta na frente de outra pessoa.

– Se o que vou dizer lhe serve de consolo, asseguro-lhe que nem nós, os sacerdotes, estamos livres da vaidade. E há tantos tipos de vaidade!

– Sou um homem exageradamente consciente e cioso de seu *status* social. Santo Deus! O senhor deve ter uma presença catalf-tica. É incrível, não estou achando nada difícil fazer-lhe essas confidências.

– Estimo ouvir isso. Embora não estejamos numa confissão, o senhor pode ficar certo de que considerarei segredo confessional tudo, mas tudo quanto o senhor me disser.

– Não tenho a menor dúvida quanto a isso.

E de súbito se fez um silêncio. Caio cruzou as pernas, tendo o cuidado de não amassar as calças de alpaca inglesa azul-marinho. Olhou em torno. Havia na sala poucos móveis: uma mesa comum com papéis em cima, uma prateleira com uns poucos livros e duas ou três cadeiras de pau.

Caio levantou-se e ambos ficaram olhando para fora. Pairava sobre o perfil dos edifícios da cidade uma névoa seca ruço-rosada. Vinha de fora um cheiro de ramos de jacarandá queimados.

– É uma estação triste – murmurou Caio. – Posso fumar?

– Mas claro.

Caio acendeu um cigarro.

– O outono sempre me dá uma espécie de torpor de febre. . . que não é de todo desagradável. É uma estação que tem quatro . . . ou cinco dimensões, compreende? Eu a sinto assim.

– Antes do senhor chegar – disse o monge, – estive olhando esse céu incomparável, apreciando a qualidade dessa luz. Sabe duma coisa? Eu gostaria de escrever poemas. . . Ou pintar. Ou compor música. Mas infelizmente não tenho nenhum talento. . .

– Não acredito, padre. Contaram-me maravilhas do senhor.

– Possivelmente gente que não me conhece direito.

– O senhor talvez não saiba, mas está se tornando uma espécie de lenda na cidade.

O monge voltou a cabeça para ele:

– Está falando sério?

– Claro que sim.

– Mas por quê? Talvez por causa daquela tola reportagem que um dos jornais locais publicou sem o meu consentimento. Sobrevivente dum campo de concentração nazista vive num convento em Porto Alegre.

– Não é só isso, padre. O senhor já está, como diria um de nossos clássicos portugueses, em “odor de santidade”.

– Eu, um santo? Que Deus nos livre desse boato! Com santos de meu calibre, a Igreja estaria perdida. Imagine se depois da minha morte começarem a aparecer retratos meus nos jornais com o meu nome e uma lenda: A Frei Pio, por uma graça concedida. Acho que as autoridades eclesiásticas não deviam permitir coisas como essas.

Novo silêncio.

// – Bem – disse ele, e sua voz era fraca, quase inaudível como um sussurro. Ele nunca pregara nem ensinara. Era *** como um homem que tivesse a eloquência do temor. – Que posso fazer pelo senhor?

– Ora, Frei Pio, vim aqui por impulso. Ouvi falar muito de si, do quanto é gentil com ***

– Será que o senhor gostaria de se confessar formalmente? Não que eu o aconselhe a fazê-lo. Preferiria que falasse. Mas o senhor não parece à vontade. Por favor, fale. O que quer que tenha em mente, diga sem envergonhar-se. Talvez a cadeira não seja confortável.

– Hum. . .

– O senhor não quer tirar o casaco, desabotoar o colarinho. . .

– Estou muito bem.

– Sinto que está tenso. Talvez seja seu orgulho. *** Quem sabe gostaria de não me encarar?

– Está tudo perfeito, eu lhe asseguro.

– Bom.

Agora Caio se deu conta da cor de Frei Pio.

– Está doente, padre? É sério?

– Sim. Bastante sério. O senhor falou em morrer. Estou certo de que morrerei primeiro. – *** – Tenho câncer de estômago. Por favor, fale como se fosse a um homem meio morto. Não levará muito.

– Não há nada que se possa fazer? Uma operação, talvez?

Frei Pio sacudiu a cabeça.

– Nada, fora. . .

– O senhor sente dor?

– Não agora.

– Se eu soubesse. . .

– Está tudo em ordem. Por favor. . .

Caio ficou em silêncio, analisando o rosto do padre. A testa era alta, os malaras salientes. Um rosto de um quadro de Bosch [ou] Vermeer.

– O senhor não tem. . . medo de morrer?

– Meu corpo tem. Meu espírito não.

– Como é isso? Me explique.

– Meu corpo está acostumado a viver. A vida é um vício. Não posso controlar seus terrores. Meu espírito, esse está acostumado com a idéia de Deus e da esperança – um tímido sorriso. – Afortunadamente meu corpo ficará aqui. Meu espírito transcenderá o espaço e o tempo e encontrará Deus.

– Padre, como é Deus?

– Quem dera eu soubesse.

– Então o senhor não aceita a idéia usual de Deus?

– Não. Esse é um tipo de Deus a quem Nietzsche ou qualquer outro filósofo pode matar à vontade, facilmente.

Caio concordou lentamente. Bateram à porta. Do claustro, um irmão leigo entrou com refrescos.

– O senhor gostaria de uma limonada?

– Sim, padre. Obrigado.

Depois que o irmão saiu:

– Agora – disse o Frei, erguendo-se e andando devagar pelo quarto, – *mettons-nous d'accord, mon cher docteur.* –

Caminhava encurvado, os pés arrastando. Caio achou que era um homem de mais de setenta. Ele parou e disse:

– O senhor deve estar pensando que estou entre setenta e cinco e oitenta. Está errado. Só tenho sessenta e um. No campo de concentração eles me quebraram as costas.

– Mas não a sua vontade.

– Bem. . . quase. Eu a salvei do jeito mais inesperado, por uma circunstância que pode parecer tola. Vou contar-lhe mais tarde. Agora falemos do senhor. Se importaria se eu lhe fizesse uma pergunta?

– Claro que não.

– Qualquer tipo de pergunta? Mesmo tolas? Prepare-se para algumas desagradáveis.

– Adiante, por favor.

– Então o senhor é o famoso Dr. Caio Mafra-Pomar – murmurou. – Como explica o hffen?

Caio sorriu mais à vontade. Bebeu um gole de limonada.

– Bem, padre. Descendemos de imigrantes portugueses. Meu pai, que era um homem muito formal e, digamos. . . heráldico, imaginava que descendíamos dos Mafras que tinham um castelo no Lamego. Mandou fazer uma pesquisa rigorosa por especialistas de qualidade. O resultado foi ridículo. O Mafra que veio para o Brasil e se tornou o tronco da nossa família era um camponês analfabeto que vendia frutas e era conhecido como o “Mafra do Pomar”.

Um riso quase inaudível veio de Frei Pio:

– Seu pai se importou?

– Acho que sim. Meu velho manteve a lenda e o hffen. Eu descobri por acaso. Ele nunca me contou. Mas minha mãe ***

– Ele contou aos amigos a verdade?

– Não tenho certeza.

– O senhor se importou? Seja franco.

– Bem, eu era muito moço quando descobri. Me delíciei.

– O senhor se alegrou com o engano do seu pai, isso eu posso entender. Ele era muito severo?

– Sim, bastante. Queria sempre o melhor de mim como estudante e como profissional.

– E o senhor era um rebelde. Admirava-o?

– Não. . . eu o invejava. Era um advogado famoso, um homem muito formal. Tornou-se um desembargador.

– E o senhor. . . um médico.

– Sim. Meu pai era um fã de Rui Barbosa, famoso pela correção gramatical de suas sentenças. Eu estudei medicina em São Paulo, escrevia versos. Enquanto estudante, aderi à Semana de Arte Moderna, que visava à destruição da velha literatura. . . Bem, tão bem representada pelo meu pai, seus autores, seus amigos, seu mundo.

Frei Pio estava à janela, contra os morros ensolarados.

– Com que idade o senhor está agora, Dr. Caio?

– Sessenta e oito.

– Creio que é um homem importante.

Caio não sabia o que dizer.

– Bem, quanto a isso. . .

– Quero dizer que é um homem bem sucedido em termos burgueses.

Caio ficou um pouco chocado com a expressão. Lembrou-se então que ouvira dizer que Frei Pio pertencia à ala esquerdista da Igreja.

– O senhor foi durante algum tempo um médico famoso, com uma clínica próspera.

– Sim, pode-se dizer que sim.

– Então casou-se com uma moça rica e sua vida melhorou materialmente.

Caio sentiu que devia levantar-se e dizer: Isso não é da sua conta. Enquanto hesitava, Frei Pio [continuou]:

– O senhor disse que não se importaria com minhas perguntas, fosse qual fosse sua natureza.

– Sim. Casei com uma moça da família Terra, de ricos estancieiros de Rio Pardo.

– Teve só um filho, que agora está morto.

Caio sentiu a flechada. A tragédia de Rogério era uma das razões por que ele estava ali.

– Sim.

– O senhor se tornou escritor e escreveu livros, cinco ou seis, se estou bem lembrado.

– Sim. Agora não mais. Eu me recuso [a escrever] de acordo com os princípios do Modernismo.

– O senhor esteve tentando entrar na Academia Brasileira de Letras, não é mesmo?

– É verdade. Mas não mudei *por causa* disso. Foi por convicção. Eu estava apaixonado pela Grécia. Achava tolos os modernos.

Mas onde aquele padre infernal conseguira tantas informações?

– O senhor foi também um deputado federal, amigo do Presidente Vargas. E depois Embaixador do Brasil na Espanha durante o último período do Presidente Vargas.

– Vejo que tem o meu *curriculum vitae* na ponta da língua.

– Espero que não se importe com essa intromissão. Queria situá-lo bem no tempo e no espaço antes que toque na raiz do problema. . .

– O senhor quer dizer, meu *curriculum mortis*. . . – disse Caio.

– O que sabemos ao certo sobre a morte?

– Para mim é o Nada.

– Não tão rápido, meu amigo. Dr. Caio, o que pensa que o está incomodando agora? Não pode ser *apenas* ansiedade pelo perigo de deixar de ser.

– Bem, padre. Eu sinto uma espécie de silêncio ao redor de mim. . . Deixaram-me para trás em alguma encruzilhada. Em suma, me sinto obsoleto.

– Todos nós somos obsoletos. A História é obsoleta. A terra é obsoleta. Só Deus é sempre novo (ou melhor, a idéia de Deus, porque Ele está fora de Si). Em suma, o senhor se sente sozinho.

– Sim. A solidão é uma de minhas enfermidades.

– O que houve com sua esposa?

– Vivemos na mesma casa, mas temos quartos separados. Deixamos de ser marido e mulher. . . há muito tempo. Talvez a culpa seja minha. Mesmo antes da menopausa dela. . . Eu tenho que admitir que foi minha culpa.

– Que espécie de pessoa é ela?

– Teimosa. Severa. Altos padrões de moralidade. Incapaz de perdoar.

O padre senta-se com um suspiro. [Há] uma expressão de dor em seu rosto.

– Ela soube de suas. . . vamos dizer, transgressões?

– Tenho boas razões para pensar que sim.

– Sua falta de perdão o fez sentir-se também culpado?

Hesitação.

– Padre, deixe-me dizer-lhe exatamente o que eu sinto. Sinto meu corpo como um fardo. Sinto a ansiedade da morte. Mas acima de tudo, sinto-me frustrado apesar de tudo o que consegui.

Às vezes dou um balanço na minha vida. Externamente foi um sucesso. Obtive quase tudo o que queria. Como meu pai, sou um homem que aprecia coisas, objetos. Possuir um quadro, uma moeda rara, um vaso antigo. . . tocar esses objetos me dá — perdoe-me — uma espécie de orgasmo, compreende? Sempre estimei um carro, uma casa, ações. . . Essas coisas me davam uma sensação de segurança, solidez. Mas para ser bem franco — e essa é a primeira vez que estou dizendo isso diante de outro ser humano — agora vejo o vácuo da minha vida. Na verdade, não tenho nada. Internamente, minha vida foi um fracasso colossal. Falhei como marido e, o que é pior, falhei como pai.

Os olhos mercuriais pareciam ler seus pensamentos íntimos, descobrir que mesmo agora ele hesitava em considerar-se um verdadeiro fracasso, que títulos, condecorações, honrarias ainda o comoviam, é claro que não tanto quanto antes.

O suor corria pelo rosto do padre, apesar da temperatura estar fresca. Talvez ele estivesse sofrendo.

— O senhor é o que poderíamos chamar um *coisista*. Isso é sempre perigoso. Mas conte-me, doutor, conte-me tudo o que pode, o que esperava de mim quando decidiu vir e falar-me?

Caio apertou os lábios.

— Bem, talvez eu só quisesse falar, livrar-me desse fardo. E talvez eu também quisesse uma palavra de esperança do senhor. . . — forçou um sorriso — um tipo de receita para a minha ansiedade. Claro que não uma cura.

Houve um silêncio. O padre olhou da janela a cor suave dos morros antes de falar outra vez:

— O senhor deve ter algum *problema específico* que o perturbe. . . além do temor permanente de cessar de ser. . . O que é?

— Sim, padre. É sobre o meu filho.

— Achei que fosse isso, mas queria que o senhor o dissesse.

— Deixe-me dizer-lhe o que está me perturbando desde que Rogério. . . desde que meu filho. . . morreu há quatro anos atrás.

Silêncio. Saber que Rogério estava no mausoléu no alto do morro o fez melancólico. E esse sentimento lhe fez um pouco de bem, o bastante para ajudá-lo a aliviar-se.

— Ele era meu único filho. Preciso dizer o quanto eu o amava? Bem. Rogério se diplomou em Arquitetura. Era uma dessas pessoas quietas, muito parecido com a mãe: um verdadeiro Terra. Padre, talvez eu tenha sempre apreciado demais a beleza física,

sendo um helenista. Minha viagem à Grécia foi uma das maiores experiências de minha vida. Rogério era belo como. . . como um deus, se me perdoa a expressão. As mulheres ficavam loucas por ele. Mas ele era um desses camaradas quietos, um homem de poucas palavras e poucos amigos, bem como a mãe: um Terra, em suma. Seu melhor amigo era um colega de escola, Martim Santana, mais ou menos de sua idade. Estavam sempre juntos, andavam milhas pela cidade, discutindo, mas eram como irmãos. Às vezes se vestiam do mesmo modo.

– O senhor nunca se sentiu um pouco. . . digamos, ciumento dessa amizade?

– Bem, para ser franco, na verdade senti, sim. Queria que Rogério dependesse de mim em todos os sentidos, mas ele parecia preferir a opinião ou a ajuda de Martim, que, a propósito, é um homem muito brilhante e bastante retraído, como Rogério.

Caio sorri de suas recordações.

– Às vezes, quando eu estava em meu estúdio lá em cima e entrava madrugada a dentro escrevendo, podia ouvir a voz dos dois garotos falando interminavelmente, ou tendo discussões escutando música. Rogério amava Schumann, Schubert, Chopin, os românticos, sabe. Martim preferia os clássicos. Era homem de Bach. Eles se provocavam um ao outro. . . Bem, aqueles foram grandes dias. Mas perdoe-me, padre, estou bordando demais a história.

– Continue. Tenho todo o tempo que precisar.

– Bem, quando Martim noivou, Rogério se opôs ao casamento, tentou convencer Martim de que a moça que escolhera não era o tipo certo para ele. Martim não se dissuadiu e convidou Rogério para padrinho. Meu filho recusou.

– Um outro tipo de ciúme.

– Pensa assim, padre?

– Prossiga.

– Bem, por algum tempo depois do casamento eles se estranharam, mas afinal fizeram as pazes de novo. Rogério seguia muito requestado pelas mulheres, mas nunca entusiasmado quanto a casar-se. Aos trinta, ainda estava solteiro. Era um homem de esportes, um excelente tenista e muito absorvido no trabalho. O senhor conhece o Hotel Center, no parque? Niemeyer o apreciava muito. É um dos projetos de Rogério. Bem, um dia tive a satisfação de ouvir que Rogério andava saindo com uma moça, a filha de uma das melhores famílias da cidade. Claro que minha mulher e

eu aprovávamos o caso. Eles noivaram e celebramos o evento. O tempo passou. Marcaram a data do casamento. Quando chegou a hora, notei que Rogério estava cada vez mais sombrio, distraído, mal-humorado. . . Perguntei-lhe: “O que há, filho?” E ele costumava responder que não era nada, só estafa. Sua mãe também não conseguiu descobrir o problema.

Agora, o Dr. Caio transpirava. Suas idéias haviam deixado de ter a clareza habitual. Enxugou o rosto, o pescoço, bebeu um pouco de limonada, deixou um pequeno cubo de gelo ficar em sua boca. Frei Pio esperava, em silêncio.

– Padre, esta é a primeira vez que estou contando essa história em palavras, não em pensamento, mas ditas. Tenho a impressão de estar mentindo. Esse assunto tem sido um terrível tabu em minha casa pelos últimos oito anos.

– Compreendo. Penso que posso prever o resto da história. Mas prossiga.

– Certo dia, cerca de uma semana antes do dia do casamento, Rogério veio a mim com o desespero estampado no rosto e disse que estava voltando da casa da noiva e que rompera o compromisso. Tenho um temperamento esquentado. Minha reação foi demasiado violenta. “Você enlouqueceu?”, perguntei. “Mas por que desfez [o noivado]. Por quê?” Ele então gritou-me que era impotente. Senti como se tivesse levado uma bofetada na cara. Fiquei mudo, não podia acreditar.

– Por que isso era tão terrível, Dr. Caio? Tem acontecido a muita gente. É uma anomalia. Em muitos casos é temporária, pode ser curada.

– Bem, eu não conseguia deixar de me sentir aniquilado. Somos o que somos. Disse-lhe coisas duras [:] “Por que Você não me consultou antes de fazer uma coisa dessas [?] Comportou-se como um tolo, um garoto irresponsável. Num instante toda a cidade vai saber. Consegue imaginar as coisas imundas que vão dizer de você? Que vergonha!”

[Caio fez uma] pausa [e continuou] em voz mais baixa, com um toque de ternura:

– Rogério estava ali, sentado, as mãos cobrindo o rosto. Sentia como se minha cabeça fosse partir-se ao meio. Perguntei: “Por que não me contou?” “Porque sabia qual seria a sua reação.” “Quando Você descobriu. . . essa impotência?” “Há muito tempo atrás.” “Você já teve alguma mulher na sua vida?” Ele

respondeu: “Sim, quando era adolescente.” “Por que não foi a um analista?” “Eu fui.” “O que ele disse?” “Que minha impotência parecia ser temporária.” “Então por que Você simplesmente não adiou o casamento [?]” “Descobri que não amo o bastante. A simples idéia de viver com ela me enche de medo.” “Só agora Você descobriu isso?” Padre, em resumo, fui derrotado. Nós nos separamos com frieza. O que mais me dói é que, de fato, não ajudei o meu rapaz. Não tentei dizer uma palavra sequer de compreensão.

– Talvez o senhor estivesse pensando só em si, em *sua* reputação, em sua masculinidade. A impotência de Rogério também era sua.

Dr. Caio ***

– Como esperávamos, o falatório se espalhou pela cidade. Eu soube no *country club* que andavam murmurando, contando piadas sobre a impotência de Rogério. E, pior, alguns até sugeriam ou afirmavam que ele era homossexual. De costume, eu passava os meses de inverno no Rio, onde tenho um apartamento. . .

E mesmo nesse momento, em plena dor da recordação, Caio ainda sentia que dissera “tenho um apartamento no Rio” com um certo orgulho de proprietário.

– Bem, naquele ano parti antes da época e passei lá um período maior. Conseguimos levar Rogério conosco. O rapaz estava infeliz o tempo todo. Deu para beber. Eu fiquei apreensivo. Um dia ele voltou para casa [completamente] embriagado. Recusava ir a médicos ou analistas. Então voltamos. Rogério insistia em voltar. Ele e Martim tinham longas conversas e discussões. Eu imaginava que seu amigo tentava ajudá-lo. Bem. . . Não estou muito certo [disso].

Agora, Caio sentia uma dor física na nuca. Pensou: “Hoje tenho uma consulta com o meu médico e ficarei em forma”.

– Se quiser parar. . . Talvez num outro dia. . .

– Não, padre. Quero terminar.

Tomou um analgésico e continuou:

– Um dia, à tardinha, eu estava no meu escritório. . . O dia mais negro da minha vida. Lembro tão bem, eu lia um dos diálogos de Platão. . . e Rogério irrompeu na sala. Quando olhei para ele, me assustei. Seu rosto estava pisado, os lábios inchados. Mas os olhos, sim, os olhos eram a coisa mais terrível nele. Gritou:

“Acabo de quebrar a cara do meu melhor amigo. Porque ele bateu na minha primeiro. Martim e eu brigamos a socos. Ele me atingiu. Mas eu merecia. . . Agora como posso continuar vivendo?” E as lágrimas começaram a correr de seus olhos avermelhados. Antes que eu pudesse dizer uma palavra, ele deixou a sala de repente e foi para o quarto. . . – Caio agora respirava pesadamente. Seus olhos estavam úmidos. – E poucos minutos depois ouvi um tiro.

A pálida mão descarnada se esticou diante de M (*afra-Po-mar*).

– Por favor, não é preciso lembrar o resto. Possuo [algum poder de] imaginação.

– Tive uma dor aguda no peito e caí desacordado. NÃO! Não posso relembrar esse período nebuloso da minha vida. O Dr. Bicalho me pôs sob sedativos. Não fui ao funeral de Rogério. Fiquei de cama. Quando recobrei a consciência, me recusei durante algum tempo a aceitar a realidade. Dum modo obscuro, eu entrevia a verdade. . . ou seja, que Rogério cometera suicídio. Mas estava morto? Às vezes, eu esperava. . . Talvez tivesse errado o coração, ou a cabeça, e estivesse ainda vivo, num hospital. Ninguém me dizia nada e eu não perguntava. Anna (esse é o nome de minha mulher) estava todo o tempo à minha cabeceira, muito composta, os olhos secos. Ela também mantinha silêncio. A tenda de oxigênio! Eu não podia receber visitas de maneira nenhuma. O Dr. Bicalho vinha com suas injeções, com seu cheiro engraçado de palheiro, sua voz de baixo e perguntava como eu me sentia, talvez esperando que lhe fizesse perguntas. Mas eu não as fazia. Queria que me dissessem que Rogério vivia e logo estaria de pé. Mas ninguém mencionava o seu nome. Talvez eu tivesse tido, como Bicalho me informara, uma isquemia e não um enfarto. Talvez o resto tivesse sido um sonho mau.

Frei Pio acenou [em sinal de] compreensão.

– Como descobriu. . . a verdade?

– Bem, um dia eu apenas. . . apenas comecei a chorar como um bebê e então Bicalho veio e disse que tudo estava bem. Permaneci sessenta dias no hospital e depois voltei para casa. A essa altura, todos presumiram que eu sabia que Rogério cometera suicídio e estava morto. Nunca entrei no seu quarto. Anna e eu nunca pronunciávamos seu nome. Anna vestia-se de negro, agora. Ela é uma Terra e os Terra são antiquados. Eles vêm dos primeiros povoadores do estado do Rio Grande do Sul. Até hoje ela usa

o negro e se recusa a comparecer a festas. E o nome de Rogério se tornou um tabu entre nós. Começamos uma nova vida, separados. Ela é quieta, não [é] agressiva. Mas seu silêncio dói. Eu desejava viajar à Europa esperando [esquecer]. Ela disse não.

– E desde o dia de sua alta ela mudou em relação ao senhor.

– Adivinhou bem, padre. Creio que ela achou que eu não auxiliara Rogério como devia, como a um rapaz doente. Senti-me insultado, ao invés, ferido em meu orgulho. E penso que estava mesmo, não adianta tentar esconder isso.

– E quanto a Martim?

– Sim, padre, Martim. Esse era o homem que podia me contar a verdade sobre aquele dia terrível. Tentei esquecer a coisa toda mas não consegui. De algum modo, vim a descobrir que Martim não fora ao funeral de Rogério nem à missa de sétimo dia. Certo dia, perguntei a Anna sobre Martim. Ela disse apenas: “Não o vejo há séculos”. Bem, o desejo de saber sobre a briga de Rogério com Martim era forte demais para que eu o suportasse. Chamei-o à nossa casa. Ele não veio. Bicalho me aconselhou a não insistir. Mas eu o fiz. Finalmente um dia ele veio. Ficamos sozinhos em meu estúdio, com as portas fechadas. Não me estendeu a mão, o que foi sábio [de sua parte], porque eu não a apertaria. Fui direto ao cerne do assunto: “Martim”, perguntei, “o que aconteceu entre você e Rogério no dia em que ele se suicidou? É verdade que brigaram a socos?” Martim não conseguia me olhar nos olhos. Também não era fácil para mim encará-lo, porque não queria odiá-lo. O rapaz hesitou por um longo espaço de tempo. Finalmente, disse: “Ele lhe contou que lutamos?” Eu disse sim. Martim murmurou: “É verdade. Nós lutamos. E eu comecei.” Lembro que saltei da cadeira onde estava sentado, querendo socar a cara de Martim. Como havia podido bater no rosto de seu melhor e mais antigo amigo? Então perguntei: “Mas por quê? Qual foi a razão? Eu exijo que me diga!” Martim olhou-me com um olhar triste que nunca esquecerei e disse: “Ele não lhe contou?” “Não! Não! Não! Mas eu quero saber. Eu preciso saber. Essa história está me deixando louco. Diga-me.” Martim levantou-se e começou a andar em direção à porta. “Sinto muito, Dr. Caio. Se Rogério não lhe contou, é porque tinha boas razões para calar-se. O segredo é dele tanto quanto meu. Não tenho o direito de contar. Seria uma traição. Eu não fui o amigo perfeito, ninguém é. Mas não sou um traidor. Passe bem.” Lembro (será que fiz isso mesmo?) que me aproximei dele e agarrei-o pelo braço: “Conte-me

ou tornarei sua vida uma miséria. Eu perseguirei você até o fim do mundo.” (Agora me envergonho de minhas palavras, padre, mas prometi contar-lhe tudo.) “Faça o que bem entender”, disse ele. “Pouco me importa”. Então ele me feriu impiedosamente dizendo: “Com todo esse alarde que está fazendo, não acredito que amasse Rogério mais do que eu. É a minha afeição por ele que me obriga a esquecer tudo o que aconteceu e ficar calado a respeito.” Tive a impressão que a sala girava e girava. Uma suspeita terrível me cruzou a mente pela primeira vez. Era terrível demais e. . . Perdi toda a compostura e gritei essas palavras que até agora queimam-me a boca: “Vocês dois tinham um caso homossexual! Agora eu sei!” E olhei para ele com ódio e repulsa. “Por que você não tem o peito de confessar?” Eu estava a ponto de bater no rapaz com o atizador da lareira. Mas Martim só me olhou e disse, sem raiva, sem sequer erguer a voz: “Tenho pena do senhor, Dr. Caio. Mas não lhe tenho o menor rancor.” E se foi. E nunca mais nos vimos até hoje. Naquele dia me senti tão triste que tive de chamar o médico.

Frei Pio tornou a erguer-se, fez uma volta no quarto, tentando, mas em vão, endireitar as costas.

– O que o senhor acha, padre?

– O senhor ainda crê que Rogério e Martim tinham. . . esse tipo de relações?

Caio contemplou suas mãos bem tratadas, de unhas polidas.

– Eu não sei. Desejaria não acreditar. Mas essa suspeita fica constantemente me vindo à mente. Sei que estou sujando a memória de meu filho, mas eu acredito, sim.

– Bem, ela retorna para o lugar a que de fato pertence. Deve ser uma fabricação de sua mente. Notei que, nesse estado, a virilidade é um dos dons mais estimados do homem. A gentileza, a pureza de intenções, a imaginação, a fantasia são pequenos nada. O importante é ser macho. Mesmo para o senhor, que é um homem que se considera civilizado, um homem viajado. . . bem, um esteta, eu deveria dizer.

– Eu sei, padre. Mas por que Martim não me contou a verdade. . . por. . . por caridade? [Tenho o meu orgulho, mas. . .]

– E [é um] vaidoso, reconheça. Agora me diga. Não lhe ocorreu que no reino das possibilidades há muitas, muitas explicações além da homossexualidade para o que aconteceu entre seu filho e Martim naquele triste dia?

– O senhor está certo, mas pode um homem ser responsável pelos pensamentos que lhe vêm à mente?

– Não, não por eles, mas pelas coisas que faz, diz e escreve, porque deve ser responsável por sua capacidade de raciocinar, recusando o absurdo. Bom Deus, o que está acontecendo aos homens hoje em dia que ninguém parece muito seguro sobre a sua própria normalidade sexual ou sobre a dos outros? Por que sempre essas suspeitas manchando as melhores amizades? Bom, suponhamos que seu rapaz fosse um homossexual. Essa seria uma razão para repudiá-lo ou mesmo para envergonhar-se dele, se era discreto ou, até pior, especialmente se ele sofresse por não conseguir atrair sexualmente pessoas do mesmo sexo? Pense nele como uma pessoa, um ser humano. Sem qualificativos. Ame a sua memória. Esqueça qualquer possibilidade sórdida.

– Bem, padre. Agora que conhece minha enfermidade, o que o senhor prescreve?

– O senhor não pode passar sua vida a limpo. O tempo é irreversível. O que aconteceu, aconteceu. Mas se reconhece seus erros, agora, estará salvo *** Em paz consigo mesmo e com Deus. *** Espero que não acredite no inferno e em danação.

– Claro que não.

Pio sorri:

– Seria indigno de um helenista. – Então estacou, como se sentisse dor.

– Padre, o senhor deve repousar agora. Vou deixá-lo.

– Bobagem, meu amigo. Estou me acostumando a essas punhaladas. Precisamos falar ainda. Não é uma vergonha, ficar velho e desintegrar-se?

– Esse não é um de meus problemas[?]

– Bem. É o preço que pagamos por continuar vivos.

– Por quê? Deus não poderia ser tão. . . maldoso. Diga-me, padre. Só um gesto Dele ***

– Ninguém conhece Deus.

– O senhor é quem mais diz.

– Isso prova o poder da [fé]. Nós aceitamos Sua vontade.

Caio se recusava a ser consolado. Aquilo tudo era muito inteligente, mas não solucionava seus [problemas].

– Todos têm medo da morte. Não há modo de argumentar com ela para que se vá. O senhor a temeria menos se eu lhe assegurasse a imortalidade da alma?

– Qual é a resposta?

– A coragem, eu repito. Uma espécie de fatalismo. E esperança. Temos um ser temporal e espacial. O senhor me falou dessa sensação. Mas nega que teve uma vida cheia, confortável. . . que satisfizes quase todos os desejos de seu corpo e de sua mente.

– Eu não nego.

– Este é o fim da peça. O senhor teve um desempenho brilhante. Mais brilhante do que muitos. Convoque toda a coragem de seu espírito. Sim, e o orgulho *bom* [que há] no senhor e use-os para enfrentar sua extinção biológica. Graciosamente. . . Está ainda dentro da peça.

– É o que o senhor faz?

– Sim. Só que. . . eu estive numa peça um pouco diferente. Fui mais um comparsa.

– O senhor tem sensações de frustração?

– Sim, em mais de um sentido.

– Por quê?

– Poderia ter sido um homem melhor.

– Então espera um prêmio pelo bom comportamento na outra vida.

– Não estou certo de que espero.

– Por que atuamos? Por que queremos parecer (ou ser) galantes, bravos, belos?

– Atuamos uns para os outros. Atuamos para o espectador que está dentro de nós. Em última análise, atuamos para Deus.

– Mas o que é Deus?

– Deus não pode ser descrito em linguagem humana e à luz da lógica humana.

– Então me diga, como aceita a idéia da existência de Deus?

Frei Pio ergueu-se. Trouxe uma Bíblia encadernada num couro muito gasto, colocou-a sobre a mesa, estendeu as mãos emaciadas sobre ela e Caio não pôde evitar de perceber como se recortavam irregularmente.

– Perdoe-me por falar de mim mesmo. Fui ordenado quando tinha 23 anos. Estudei em Louvaine. Quando rompeu a Segunda Guerra eu estava na França e *** Deus só pode ser entendido, ou melhor, *sentido*, em termos apocalípticos. Essa lição eu devo a um leigo que era um místico. Já ouviu falar em Olivier Messaien?

– Não. Creio que não. Por quê?

– É um compositor francês moderno, ainda vivo. Nós nos correspondemos. Ele também esteve no campo de concentração. Nós sofriamos. O estômago tinha câimbras. Eu vomitava frequentemente. Minha fé estava então em grave perigo. Fiz amizade com ele. Descobri que ele lia a Bíblia. Compôs um quarteto *** e um dia eles tocaram. Então senti Deus. Lembrei a passagem do Apocalipse de São João que inspirou a composição. Ouça.

Ele abriu o livro e leu: “Vi outro anjo poderoso, que descia do céu vestido de uma nuvem. Sobre a cabeça trazia o arco-fris, o rosto era como o sol e os pés como colunas de fogo e na mão tinha um livrinho aberto. Pondo o pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra, gritou com voz poderosa, como leão que ruga. [. . .] levantou a mão direita para o céu e jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos, que criou o céu e tudo o que nele há, a terra e tudo o que nela há, o mar e tudo o que nele há: ‘Já não haverá tempo, mas nos dias da voz do sétimo anjo, quando tocar a trombeta, o mistério de Deus se cumprirá, assim como anunciou a seus servos, os profetas’ ”.

A composição foi chamada de *Quarteto para o Fim do Tempo*. Eu estava quase anestesiado pelo frio. Meus dedos estavam hirtos. Eu ouvia, olhando para o rosto dos intérpretes. Então vi os orgulhosos oficiais nazistas. Houve uma nota aguda, muito prolongada, do clarinete **** Essa foi a verdadeira revelação de Deus. Aquele grupo irradiava luz. . . Vi o espanto no rosto de nossos soberbos e cruéis carcereiros. Então recuperei minha fé. Vi o fim do Tempo e solucionei o mistério de Deus.

Houve um silêncio. O sol estava se pondo. A cor dos morros [se adensava]. Caio pensava. [. . .]” / /